

Ewald, AS, Martins, RLDR & Mello, AS. Interfaces between childhood sociology and motor behavior: the human link, nature and culture. *Research, Society and Development*, 9(7): 1-16, e348974202.

**Interfaces entre sociologia da infância e comportamento motor: o elo humano, a natureza e a cultura**

**Interfaces between childhood sociology and motor behavior: the human link, nature and culture**

**Interfaces entre la sociología infantil y el comportamiento motor: el vínculo humano, la naturaleza y la cultura**

Recebido: 03/05/2020 | Revisado: 04/05/2020 | Aceito: 07/05/2020 | Publicado: 16/05/2020

**Anne Schneider Ewald**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5016-0542>

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

E-mail: [anne\\_ewald@hotmail.com](mailto:anne_ewald@hotmail.com)

**Rodrigo Lema Del Rio Martins**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1082-2425>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: [rodrigodrmartins@ufrj.br](mailto:rodrigodrmartins@ufrj.br)

**André da Silva Mello**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3093-4149>

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

E-mail: [andremellovix@gmail.com](mailto:andremellovix@gmail.com)

**Resumo**

O objetivo deste artigo é avaliar uma proposta de mediação pedagógica da Educação Física na Educação Infantil, desenvolvida por meio de jogos e brincadeiras com os esportes, que articulou pressupostos do Comportamento Motor com a Sociologia da Infância. A perspectiva metodológica adotada no estudo foi a pesquisa-ação, realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil de Vitória/ES, com uma turma de 11 crianças na faixa etária de cinco a seis anos de idade. Os registros produzidos por meio da observação participante e de fotografias

foram guardados em diário de campo. As experiências pedagógicas avaliadas sinalizam possibilidades para consolidar a relação entre natureza e cultura, contribuindo para materialização de abordagens pedagógicas inovadoras que contemplem as aprendizagens das crianças em sua complexidade biopsicossocial.

**Palavras-chave:** Educação infantil; Educação física; Natureza; Cultura.

### **Abstract**

The purpose of this article is evaluate a pedagogical mediation proposal of Physical Education with Children Education, developed through games and playful activities along with sports, which articulated assumptions of the Motor Behavior with Childhood Sociology. The methodological perspective of the study was research-action, held at a Children Education Municipal Center in the city of Vitória/ES, with a group of 11 children from five to six years old. The data produced through participant observation and photographs were saved in a field diary. The evaluated pedagogical experiences indicated possibilities to consolidate the encounter between nature and culture, contributing for the materialization of pedagogical approaches of Physical Education with Children Education that contemplate the children's agencies in their bio-psychosocial complexity.

**Keywords:** Children education; Physical education; Nature; Culture.

### **Resumen**

El objetivo de este artículo es evaluar una propuesta de mediación pedagógica de la Educación Física en la Educación de la Primera Infancia, desarrollada a través de juegos y juegos con deportes, que articula los supuestos de Comportamiento Motor con la Sociología de la Infancia. La perspectiva metodológica adoptada en el estudio fue la Investigación-Acción, realizada en un Centro Municipal para la Educación de la Primera Infancia en Vitória/ES, con una clase de 11 niños de cinco a seis años. Los registros producidos a través de la observación participante y las fotografías se guardaron en un diario de campo. Las experiencias pedagógicas evaluadas indican posibilidades para consolidar la relación entre naturaleza y cultura, contribuyendo a la materialización de enfoques pedagógicos innovadores que contemplem el aprendizaje de los niños en su complejidad biopsicossocial.

**Palabras clave:** Educación infantil; Educación Física; Naturaleza; Cultura.

## 1. Introdução

A inserção da Educação Física como componente curricular tem ganhado espaço e se consolidado na Educação Infantil, sobretudo, pela centralidade dada ao eixo da linguagem corporal como importante meio de comunicação e expressão das crianças (Martins, Tostes & Mello, 2018). Embora o campo da Educação Física contemple diversas possibilidades de atuação do professor com a cultura do movimento, as mediações com a Educação Infantil têm se caracterizado, em sua maioria, por práticas pedagógicas que oferecem pouca margem para a participação ativa das crianças em seus processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Essas práticas, influenciadas principalmente pelas perspectivas psicomotoras e desenvolvimentistas, estão alicerçadas sobre um viés biológico e universal, cuja ênfase recai sobre os fatores maturacionais do desenvolvimento infantil, colocando em plano secundário a dimensão sociocultural presente nesse processo. Para Martins et al. (2018) “[...] apenas os conhecimentos oriundos deste campo são insuficientes para abarcar a complexidade do comportamento infantil.” (p. 712).

No campo teórico, as tensões caracterizam-se pela separação entre o biológico e o cultural, por meio de produções que desconsideram o ser criança em sua inteireza biocultural, como se fosse possível reduzir a somente uma dimensão a complexidade dos fenômenos relacionados ao desenvolvimento infantil. Para Buss-Simão et al. (2010) “[...] há de se considerar que a complexidade do fenômeno corpo e infância extrapola os dualismos.” (p. 158). Prout (2010) considera que novas ideias podem ser desenvolvidas e exploradas, observando “[...] a infância como um fenômeno complexo, não imediatamente redutível a um extremo ou outro de uma separação polarizada.” (p. 739)

A fim de estabelecer relações entre natureza e cultura no processo de desenvolvimento infantil, este trabalho pretende discutir possibilidades de mediações pedagógicas da Educação Física com a Educação Infantil, tomando como base um enfoque interdisciplinar, na busca do diálogo constante entre os campos da Sociologia da Infância e do Comportamento Motor. Para nós, superar não é negar o outro, mas compor por meio de uma síntese integradora como cultura e natureza podem inter-relacionar-se.

A Sociologia da Infância se dedica a compreender os fenômenos sociais que envolvem as crianças e as infâncias. A concepção de infância defendida por esse campo do conhecimento assume as crianças como atores sociais com participação ativa em seus processos educativos,

os quais se dão por meio das negociações que elas realizam com os adultos e com seus pares, com as quais convivem. Há um esforço em desconstruir a ideia de universalidade presente no desenvolvimento infantil e superar leituras reducionistas, que enxergam a infância como um tempo de transição para a vida adulta, concebendo a criança como um ser passivo e incompleto, que precisa ser preenchido pela racionalidade adultocêntrica para se tornar um sujeito ontologicamente pleno (Sarmiento, 2013).

Sendo assim, as interações e as práticas cotidianas são dimensões que precisam ser valorizados na construção dos significados, das identidades e na produção/apropriação de saberes e de culturas infantis. No entanto, Sarmiento (2013) ressalva que a Sociologia da Infância, isoladamente, não conseguirá “[...] cumprir o seu programa se não se abrir determinadamente a um trabalho teórico interdisciplinar, que contribua para impedir uma visão fragmentária de criança [...].” (p. 20)

O Comportamento Motor estuda os processos neuropsicológicos da organização motora em termos de controle, desenvolvimento e aprendizagem motora (Manoel, 1996). No âmbito escolar, a intervenção está centrada na aprendizagem e desenvolvimento de habilidades motoras. Não obstante, autores como Tani (2008) e Manoel (2008), importantes referências nessa área, afirmam a necessidade de articulações desse campo com as dimensões socioculturais.

Martins, Trindade & Mello (2020) identificaram que os pressupostos teóricos ancorados no Comportamento Motor e na Sociologia da Infância têm sido mobilizados com frequência em produções acadêmicas que relacionam a Educação Física com a Educação Infantil. Contudo, em nenhuma produção analisada, os autores encontraram trabalhos que articulam esses dois campos do conhecimento. Compreendemos que as relações entre diferentes campos do conhecimento qualificam os processos de ensino-aprendizagem da Educação Física na primeira etapa da Educação Básica, contribuindo, dessa forma, para superar abordagens fragmentadas e reducionistas que historicamente tem demarcado a prática desse componente curricular nas instituições de educação infantil.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é avaliar uma proposta de mediação pedagógica da Educação Física na Educação Infantil, desenvolvida por meio de jogos e brincadeiras com os esportes, que articulou pressupostos do Comportamento Motor (aprendizagem e desenvolvimento motor) com a Sociologia da Infância.

## 2. Metodologia

A perspectiva metodológica adotada no estudo foi a pesquisa-ação, como forma de investigação-ação, que tem como objetivo o aprimoramento da prática pela “oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela” (Tripp, 2005, p. 446). Esse processo ocorre por meio de procedimentos de pesquisa consolidados, que visam inferir sobre as mudanças que serão efetuadas para aprimorar as práticas nos contextos pesquisados. Para isso, é necessário que haja contato, avaliação e planejamento prévio do campo de trabalho a ser investigado. Para Tripp (2005), “a pesquisa-ação, como uma forma de investigação-ação, é um processo corrente, repetitivo, no qual o que se alcança em cada ciclo fornece o ponto de partida para mais melhora no seguinte.” (p. 454).

Nessa perspectiva, a inserção prévia no campo nos auxiliou na elaboração do projeto jogos e brincadeiras com os esportes, que foi construído com as crianças, com o professor de Educação Física da turma e a professora-pesquisadora. Escutamos os interesses das crianças, conversamos com elas sobre os esportes que mais gostam e, no diálogo com o professor, construímos um plano de mediação pedagógica centrado em suas expectativas e desejos. A escuta sensível das crianças, que ocorreu por meio de diferentes linguagens, sobretudo, a corporal, permitiu que estivéssemos em permanente sintonia com as suas aspirações.

Dessa forma, em várias situações, os planos de aula foram revistos ou flexibilizados para tender às críticas, sugestões e criações das crianças e, à medida que as aulas aconteciam, as próximas ações eram planejadas. Nessa perspectiva, focalizamos experiências da Educação Física com a Educação Infantil que consideraram as crianças como sujeitos ativos em seus processos de aprendizagem e desenvolvimento motor. Na Imagem 1, exposta a seguir, as crianças estão produzindo desenhos sobre os esportes preferidos e que gostariam de brincar nas aulas:

**Imagem 1** – Desenhos sobre os esportes preferidos.



Fonte: registro fotográfico produzido pelos autores, 2019.

Na Imagem 1 é possível observar as crianças, sob o olhar atento da professora, desenhando os esportes que serão tematizados nas brincadeiras. Os desenhos foram utilizados como forma de diagnóstico de suas preferências esportivas. Como demonstrado na Imagem, algumas crianças optaram por desenhar sozinhas, enquanto outras em trio.

A pesquisa-ação foi realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil de Vitória/ES, entre julho e dezembro de 2019. Nesse período ocorreram 23 aulas, mediadas pela temática “jogos e brincadeiras com os esportes”, em uma turma com 11 crianças na faixa etária de cinco a seis anos de idade. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Espírito Santo (Parecer nº 3584663).

Nas mediações pedagógicas foram articulados os pressupostos da Sociologia da Infância (Tomás, 2017; Sarmiento, 2013; Corsaro, 2009) e do Comportamento Motor (Tani, 2005; Manoel, 2008). À luz desses referenciais, contemplamos o desenvolvimento motor, com foco na diversificação e na combinação de habilidades locomotoras, manipulativas e estabilizadoras, assim como a aprendizagem motora, por meio do processo adaptativo. As aulas foram mediadas por jogos e brincadeiras relacionadas ao esporte, em um contexto em que a participação, autonomia, autoria e criatividade das crianças foram reconhecidas e valorizadas.

Essas mediações buscaram superar relações assimétricas de poder estabelecidas pelas escolas, em que as crianças, majoritariamente, são colocadas em condição de subalternidade

face aos adultos. Com isso, não estamos eximindo os professores de suas responsabilidades docentes ou propondo um "laissez-faire pedagógico", em que as crianças fazem o que querem ou são autodidatas. Entretanto, compreendemos que a escola, para cumprir a sua função social, não precisa negar o "sujeito criança", ou seja, educar não significa alijar as crianças do seu direito de brincar, de fantasiar e de produzir cultura.

Os registros produzidos por meio da observação participante e de fotografias foram guardados em diário de campo, que era preenchido logo após cada mediação pedagógica. Na apresentação desses dados, utilizamos nomes fictícios e efeitos computacionais no tratamento das imagens, a fim de preservar o anonimato dos sujeitos participantes da pesquisa.

### **3. Resultados e Discussão**

Ao considerarmos que o “[...] desenvolvimento é um processo de construção em que o sujeito é ator do seu próprio desenvolvimento” (Manoel, 2008, p. 482), o conceito de padrões fundamentais de movimento é substituído pela ideia de ação motora, que está ancorada na intencionalidade, no significado e no contexto das ações de quem se movimenta, trazendo à tona a dimensão intersubjetiva e o *ethos* da comunidade em que o indivíduo está inserido (Manoel, 2008). Consideramos que o movimento é diferente da ação: movimento pode ser definido como deslocamento de um corpo no espaço; já a ação pressupõe movimentos corporais carregados de sentidos e significados, histórica e culturalmente referenciados.

Com base em Ozmun & Gallahue (2002), trabalhamos com a diversificação e a combinação de habilidades locomotoras, manipulativas e estabilizadoras, demanda associada ao estágio maduro das habilidades básicas (5 e 6 anos de idade). As brincadeiras esportivas foram tematizadas em forma de piques e a diversificação/combinação das habilidades ocorreu por meio de ações autorais e criativas das crianças, estimuladas pelos desafios motores que foram inseridos nas atividades lúdicas. Para Tani (2008), “[...] o papel do professor se modifica no sentido de uma maior preocupação com a preparação do contexto da ação, mais do que com o ensino da tarefa motora em si [...]” (p. 328).

No excerto abaixo, extraído do diário de campo, é possível verificar a diversificação da habilidade manipulativa de driblar (quicar), por meio de ações autorais que as crianças empreenderam nessa brincadeira esportiva. Diversificar, no contexto do comportamento motor, significa realizar uma mesma habilidade de diferentes formas:

As crianças viram algumas bolas de basquete disponíveis no pátio e pediram à professora para brincar dessa modalidade esportiva. Sensível ao pedido, a professora propôs a seguinte brincadeira: "toca do leão". Cada criança tinha sua bola de basquete e, dentro das "tocas" (quadrado marcado no chão com fita adesiva), elas quicavam as bolas ao som de uma música. Quando a música era interrompida, elas paravam de quicar a bola e rapidamente trocavam de tocas. Durante a realização dessa brincadeira, houve significativa diversificação da habilidade de driblar, pois, a cada troca de toca, a professora solicitava que as crianças criassem novas formas de executar a habilidade. Manuela propôs driblar batendo com as duas mãos na bola. Kaio observou a produção da colega e disse: "Não quero fazer assim. Assim é muito fácil". Então driblou a bola por debaixo das pernas e continuou a brincadeira dessa forma (DIÁRIO DE CAMPO, 6-11-2019).

Na Imagem 2, é possível observar o Kaio (nome fictício) driblando a bola por baixo da perna. Essa ação ocorreu de forma criativa e autoral, a partir do desafio lançado pela professora-pesquisadora: "quem sabe quicar diferente?". As crianças da turma experimentaram cada proposta apresentada pelos colegas, garantido, dessa forma, a diversificação da habilidade trabalhada:

**Imagem 2** – Quicando a bola por baixo da perna.



Fonte: registro fotográfico produzido pelos autores, 2019.

A Imagem 2 registra o exato momento em que a criança, em primeiro plano, executa a habilidade de quicar a bola por baixo da perna. Para isso, ela eleva a perna direita, facilitando

que a bola passe por baixo. Nessa mesma Imagem, nota-se, ao fundo, outras crianças realizando a habilidade de quicar.

Quanto à Aprendizagem Motora, operamos com o conceito do processo adaptativo (Tani, 2005), em que, à medida que as ações adquiriram regularidade e consistência, novas demandas foram inseridas na sua execução. Assim, as habilidades foram vivenciadas por meio das brincadeiras em um contexto fechado, sem variabilidade do ambiente e do objeto (no caso das habilidades manipulativas), e, posteriormente, foram realizadas em contextos abertos, no qual essas duas variáveis se alteraram durante a execução das habilidades. Diferentes objetos foram manipulados nas brincadeiras esportivas, como bolas de pesos e tamanhos distintos, arcos, bastões e cordas. Além das demandas atreladas à tomada de decisão, sobretudo, em brincadeiras associadas às habilidades motoras abertas,<sup>1</sup> as crianças incorporaram aspectos simbólicos relacionados ao seu imaginário lúdico, atribuindo sentidos específicos à essas atividades com base em suas subjetividades.

Na brincadeira do vôlei com lençol, Imagem 3, as crianças vivenciaram a habilidade de rebater. Nessa brincadeira, foram utilizadas bolas leves e grandes, que descrevem uma trajetória mais lenta, facilitando, dessa forma, o ajuste da ação das crianças à variabilidade do objeto:

---

<sup>1</sup> Habilidade desempenhada em um ambiente não-estável, onde objeto ou contexto varia durante o desempenho da ação motora. O participante deve agir de acordo com a ação do objeto ou das características de alteração do ambiente (Shmidt & Wrisberg, 2010).

**Imagem 3 – Vôlei do Lençol.**



Fonte: registro fotográfico produzido pelos autores, 2019.

Na Imagem 3, é possível observar a dinâmica empregada na brincadeira do vôlei com lençol. Um lençol foi estendido de uma lateral a outra na sala de movimento e uma dupla de crianças ficou em lados opostos do lençol. Foram disponibilizadas três bolas, para que as crianças tivessem oportunidade de rebater mais vezes. Na Imagem, nota-se que a criança à direita está preparada para sacar a bola vermelha, enquanto do outro lado do lençol, outra criança rebate a bola verde.

Diferentemente das regras oficiais do vôlei, a bola podia ser rebatida no ar, depois de um ou mais quiques no chão. Também poderia ser rebatida com qualquer parte do corpo. O objetivo da brincadeira era rebater a bola para o outro lado do lençol e vencer a dupla que, depois de um determinado tempo, tivesse o menor número de bolas do seu lado. O reflexo do espelho dá a impressão de que têm mais crianças brincando ao fundo da foto.

A Imagem 4, demonstrada a seguir, refere-se ao pique-capoeira, em que foram vivenciadas as habilidades de chutar e esquivar. Nessa brincadeira, as crianças que fossem tocadas pelo pegador deveriam ficar em posição estática (estátua) e as demais poderiam salvá-las com um golpe de capoeira (chute lateral).

**Imagem 4 – Pique-Capoeira.**



Fonte: registro fotográfico produzido pelos autores, 2019.

Na Imagem 4 é possível observar, em primeiro plano, uma criança realizando o chute lateral e a outra esquivando, ou seja, abaixando-se para sair da trajetória do golpe. Nessa brincadeira, as crianças tiveram que adequar a habilidade de esquivar à altura e a velocidade do golpe (chute), caracterizando, dessa forma, a execução das habilidades em contexto aberto. No fundo da Imagem, nota-se uma criança em posição de estátua, aguardando para ser salva. Nas Imagens 3 e 4, as habilidades realizadas (rebater, esquivar e chutar) ocorreram em contextos abertos, em que as crianças tiveram que tomar decisões para adaptar as suas ações à variabilidade do ambiente ou do objeto.

Já a Imagem 5, apresenta as crianças comemorando um gol em uma brincadeira associada ao futebol, onde imitam o gesto de um famoso jogador de futebol. Nessa Imagem é possível perceber a incorporação de elementos simbólicos à brincadeira, produzidos pelas crianças, que conferem sentidos às suas ações:

**Imagem 5** – Comemoração do Gol.



Fonte: registro fotográfico produzido pelos autores, 2019.

Na Imagem 5 observamos três crianças, após a equipe delas marcar um gol em uma brincadeira relacionada ao futebol, comemorando como Gabigol (Gabriel Barbosa), conhecido jogador do Flamengo que ficou notabilizado pela sua maneira peculiar de festejar os seus gols. Essa Imagem denota a dimensão simbólica subjacente a realização das ações infantis, que são caracterizadas por aspectos lúdicos e subjetivos que demarcam o imaginário das crianças.

Ao considerarmos o conceito de Reprodução Interpretativa (Corsaro, 2009), que pressupõe que as crianças são sujeitos ativos em seus processos de socialização e de desenvolvimento, reconhecemos e valorizamos os sentidos por elas atribuídos às brincadeiras esportivas. As crianças ressignificaram, constantemente, as brincadeiras propostas pela professora-pesquisadora, de modo a atender aos seus interesses, necessidades e subjetividades. Nesse processo, elas assumiram-se como coautoras das atividades lúdicas realizadas nas aulas, em que as suas críticas e proposições foram acatadas nas mediações pedagógicas empreendidas. As crianças foram concebidas como sujeitos de direitos, competentes para atuar em seus mundos de vida. Como afirma Tomás (2017), é preciso:

[...] pensar a creche (e o jardim de infância) como fórum democrático de socialização, como uma ética de encontro (Moss & Pence, 2003), como um espaço das crianças e não para as crianças, o que implica promover ambientes propiciadores de várias

possibilidades – educativas, culturais, científicas e sociais, mas também econômicas, políticas, éticas, estéticas, físicas –, algumas estruturadas, outras não, algumas iniciadas pelos adultos, outras pelas crianças (Fernandes & Tomás, 2014). Implica, ainda, desocultar silêncios (os que resultam por exemplo das hierarquias entre adulto(s)/a(s) e criança(s), entre adultos/as e entre crianças) e combater a exclusão, a opressão e a discriminação das crianças. (p. 17).

Durante as aulas, foi possível perceber que as crianças vivenciaram situações potentes para a sua aprendizagem e para o seu desenvolvimento motor. Essas vivências não foram externamente orientadas, pois consideraram, a todo momento, a participação e o protagonismo infantil, reconhecendo as crianças como sujeitos capazes de pensar e agir sobre si. Essa perspectiva pedagógica está em consonância com os documentos orientadores da Educação Infantil no Brasil: Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (Brasil, 2017) e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2013) – que atribuem centralidades às crianças nos processos de ensino-aprendizagem empreendidos nessa primeira etapa da Educação Básica.

A BNCC estabelece, em seus diferentes campos de experiência, que o trabalho pedagógico na Educação Infantil deve pautar-se na promoção de vivências com sentidos e significados para as crianças, lastreadas pelo espírito lúdico e pela interação com os seus pares. O foco reside na exploração de um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, que visam descobrir variados modos de ocupação e de relação do espaço com o corpo. Para tanto, é importante compreender que as práticas pedagógicas mobilizadas pela Educação Física precisam aliar os sentidos, os gestos, os movimentos intencionais e involuntários, coordenados ou espontâneos das crianças, com a exploração do mundo, do espaço e dos objetos ao seu entorno, provocando-as a estabelecer relações e produzirem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade (Brasil, 2017).

Embora exitosas, no sentido de apontar possibilidades para o encontro da Sociologia da Infância e do Comportamento Motor nas práticas pedagógicas, as experiências analisadas também trouxeram alguns desafios, dentre os quais, destacamos: *a)* Superar o nosso olhar adultocêntrico, que, por muitas vezes, induzia-nos à intervenções diretivas e prescritivas; *b)* Compreender os interesses das crianças por meio de suas múltiplas linguagens. Na educação infantil, as crianças estão em processo de internalização da linguagem verbal articulada, por isso, o seu "jeito de falar" ocorre de diferentes maneiras, exigindo dos adultos uma escuta

sensível e um olhar atento às suas formas singulares de se comunicar; e c) A adoção de uma concepção de infância, que reconheça e valorize a participação das crianças em seus processos de aprendizagem e desenvolvimento, precisa ser adotada por toda escola. Procedimentos pedagógicos contraditórios são pouco produtivos e deixam as crianças confusas. Por isso, é inadequado que um docente, em sua prática profissional, adote uma determinada postura em relação à participação das crianças, oferecendo abertura para elas, enquanto outro adote medidas centralizadoras e externamente orientadas, no sentido verticalizado dos adultos para os infantis.

#### **4. Considerações Finais**

Este artigo focalizou uma proposta de mediação pedagógica da Educação Física na Educação Infantil, desenvolvida por meio de jogos e brincadeiras que tematizaram os esportes. Foram articulados pressupostos do Comportamento Motor com a Sociologia da Infância, permitindo-nos apontar possíveis caminhos para o estabelecimento de práticas pedagógicas que compreendem as crianças de forma holística, afastando uma lógica fragmentada de trabalho que opõem o ser humano e a cultura.

Uma das críticas que incide sobre as perspectivas desenvolvimentistas e psicomotoras, no contexto da Educação Física escolar, é de que os movimentos são realizados de maneira mecânica e estereotipada, desconsiderando os sentidos e as subjetividades das crianças. A experiência aqui analisada demonstrou ser possível conciliar alguns pressupostos da aprendizagem e do desenvolvimento motor com as agências das crianças, com o seu protagonismo e com os sentidos que elas constroem nas relações com as atividades lúdicas, reconhecendo-as como sujeitos ativos do seu próprio desenvolvimento e aprendizagem.

As experiências pedagógicas que foram empreendidas e avaliadas, além de estarem em consonância com o que é preconizado pelos documentos legais e pedagógicos da Educação Infantil, sinalizam possibilidades para reaproximar natureza e cultura, contribuindo, dessa forma, para consolidação de abordagens pedagógicas da Educação Física com a Educação Infantil que contemplem as crianças em sua complexidade biopsicossocial e a dinâmica curricular presente nessa primeira etapa da Educação Básica no Brasil.

O distanciamento entre ser humano e cultura é apenas uma das dicotomias que precisa ser superada para compreendermos as crianças em sua integralidade e alteridade. Consideramos relevante que as questões afeitas as tensões entre *estrutura e ação*, entre *ser que é e ser em*

*devir*, também precisam compor as agendas de pesquisadores e de professores que buscam reconhecer e valorizar a participação social das crianças. Para isso, sugerimos novas pesquisas, em especial, aquelas provenientes do cotidiano, do chão da escola, para que o conhecimento dialogue com as necessidades e singularidades de diferentes culturas escolares.

## Referências

Brasil (2013). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC/SEB/DICEI.

Brasil (2017). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/SEB.

Buss-Simão, M. et al. (2010). Corpo e Infância: natureza e cultura em confronto. *Educação em Revista*, 26(3), 151-168.

Corsaro, W. (2009). Reprodução interpretativa e cultura de pares. In F. Muller, & A. M. A. Carvalho (Orgs.). *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com Willian Corsaro* (pp. 31-50). São Paulo: Cortez.

Gallahue, D. L.; & Ozmun, J. C. (2002). *Compreendendo o Desenvolvimento Motor*. São Paulo: Editora Phorte.

Manoel, E. J. A (2008). Abordagem Desenvolvimentista da educação física escolar – 20 anos depois: uma visão pessoal. *Revista da Educação Física/UEM*, 19(4), 473-488.

Manoel, E. J. (1996). Comportamento motor e educação física: as duas faces de Jano. *Motriz*, 2(1), 43-48.

Martins, R. L. R., Tostes, L. F., & Mello, A. S. (2018). Educação Infantil e formação docente: análise das ementas e bibliografias de disciplinas dos cursos de educação física. *Movimento*, 24(3), 705-720.

Martins, R. L. R., Trindade, L. H., & Mello, A. S. (2020). Diálogos entre as produções acadêmico-científicas da educação física e os documentos orientadores da educação infantil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* (no prelo).

Prout, A. (2010). Reconsiderando a nova sociologia da infância. *Cadernos de Pesquisa*, 40(141), 729-750.

Sarmiento, M. J. (2013). Sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: R. T. Ens & M. C. Garanhani (Orgs.). *Sociologia da infância e a formação de professores* (pp. 13-46). Curitiba: Champagnat.

Shmidt, R. A. & Wrisberg, C. A. (2010). *Aprendizagem e performance motora*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed.

Tani, G. (2005). *Comportamento Motor: Aprendizagem e Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Tani, G. (2008). Abordagem Desenvolvimentista: 20 anos depois. *Revista da Educação Física/UEM*, 19(3), 313-331.

Tomás, C. (2017). Para além de uma visão dominante sobre as crianças pequenas: gramáticas críticas na educação de infância. *Revista Humanidades & Inovação*, 4(1), 13-20.

Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, 31(3), 443-466

#### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Anne Schneider Ewald – 33,33%

Rodrigo Lema Del Rio Martins – 33,33%

André da Silva Mello – 33,33%